



# Cultura política comunista em Montes Claros - reflexões e apontamentos

Communist political culture in Montes Claros - reflections and notes

**Guilherme Costa Pimentel**

Doutorando em História

Universidade Federal de Minas Gerais

guilhermecosta09@yahoo.com.br

**Recebido em:** 15/12/2016

**Aprovado em:** 25/08/2017

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo delinear e compreender os aspectos constitutivos da cultura política comunista. Para tanto, foi analisada a militância, entre os anos de 1948 a 1970, de alguns comunistas de Montes Claros através da documentação do fundo *Departamento de Ordem Política e Social (DOPS-MG)* contida no *Arquivo Público Mineiro (APM)*. O suporte teórico será feito através do diálogo com as obras: “Desafios e possibilidades na apropriação de culturas políticas pela historiografia” de Rodrigo Motta, “Culturas políticas e historiografia” de Serge Berstein além de “Os prisioneiros do mito” de Jorge Ferreira. Cultura política é uma ferramenta metodológica que tem oferecido explicações mais satisfatórias aos comportamentos políticos do que noções como o cálculo e a estratégia, a busca por segurança ou os mais diversos estruturalismos. Portanto, delinear e compreender a cultura política comunista faz-se necessário à medida que confere maior inteligibilidade ao comportamento político de importantes sujeitos históricos do passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunismo, Cultura política, Militância.

**ABSTRACT:** This paper aims to outline and understand the constitutive aspects of communist political culture. For that, the militancy of some Communists in Montes Claros was analyzed from 1948 to 1970 through the documentation of the Department of Political and Social Order (DOPS-MG) contained in the Public Mining Archives (APM). The theoretical support will be made through dialogue with the works: "Challenges and possibilities in the appropriation of political cultures by the historiography" of Rodrigo Motta, "Political cultures and historiography" of Serge Berstein besides "The prisoners of the myth" of Jorge Ferreira. Political culture is a methodological tool that has offered more satisfactory explanations to political behaviors than notions such as calculation and strategy, the search for security or the most diverse structuralisms. Therefore, delineating and understanding communist political culture becomes necessary as it gives greater intelligibility to the political behavior of important historical subjects of the past.

**KEYWORDS:** Communism, Political culture, Militancy.

## Introdução

Como explicar que a Itália e a Alemanha mergulharam no fascismo enquanto esse fenômeno permaneceu marginal em uma França estruturalmente semelhante? Como explicar que a Alemanha, industrializada e com uma burguesia culta e evoluída, mergulhou no nazismo enquanto o Reino Unido, conhecendo tensões semelhantes, se manteve fiel à democracia liberal? Estas são



indagações feitas por Berstein<sup>1</sup> ao defender que as tradicionais chaves interpretativas da historiografia contemporânea têm se revelado insatisfatórias para explicar fenômenos políticos como esses.

Analogamente, este trabalho também busca explicações satisfatórias para o comportamento político entre os anos de 1948 a 1970 de alguns comunistas residentes na cidade norte-mineira de Montes Claros. Embora este município tenha abrigado diversos comunistas e simpatizantes, a documentação<sup>2</sup> do fundo *DOPS-MG* do arquivo público mineiro indicou que Porfírio Francisco e David Rodrigues, vulgo David Dentista, desenvolveram uma militância mais atuante que os demais. Durante a maior parte do recorte temporal observado neste trabalho, o primeiro comunista atuou como fotógrafo viajante. David Rodrigues, por sua vez, era dentista prático.

Durante aqueles anos de 1948 a 1970 esses e outros militantes lutaram pela sindicalização de trabalhadores rurais, mantiveram contatos com comunistas de outras cidades, assinaram e distribuíram jornais do PCB, empenharam-se pela legalização dessa legenda, cumpriram suas mais variadas determinações, se engajaram pela eleição de candidatos por ela apoiados, foram constantemente vigiados pelas forças de repressão, integraram uma organização clandestina após o golpe de 1964 e por esta razão foram presos e torturados.

Como explicar as semelhanças entre os ritos, as visões de passado e os projetos de futuro apresentadas entre o comportamento político dos comunistas de Montes Claros e daqueles de outras regiões do Brasil? Como explicar a crença obstinada que os comunistas de Montes Claros mantiveram no caráter naturalmente revolucionário dos trabalhadores? Como explicar a celebração do aniversário de Prestes por aqueles militantes ou a quase adoração que devotavam a essa liderança política? Como explicar a sujeição quase inquestionável às determinações do PCB? Sobretudo, como explicar por que os comunistas de Montes Claros, não obstante tantas adversidades, continuaram militando no período de 1948 a 1970? Rémond<sup>3</sup> defende que, embora o político tenha autonomia própria, é também influencia e é influenciado por fatores econômicos, sociais e

---

<sup>1</sup> BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: Orgs. Cecília Azevedo... [et al.]. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. 544 p.

<sup>2</sup> Segundo Motta, no processo de produção, conservação e entrega dos arquivos do DOPS à sociedade civil muitos documentos se perderam. Além disso, antes de serem entregues às instituições públicas de memória os arquivos dos DOPS estaduais passaram por uma depuração. Logo, não se pode reduzir a militância de Porfírio Francisco, David Dentista e demais comunistas de Montes Claros àquilo que as fontes disponíveis indicam. Muitos fatos podem não ter sido detectados pelos órgãos mineiros de segurança, outros podem ter sido detectados, mas registrados em documentação destruída. Para maiores informações ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Ofício das sombras. **Revista do Arquivo Público Mineiro – RAPM**, Belo Horizonte, MG, Brasil, vol. XLII, n° 1, 2006, pp 52-67.

<sup>3</sup> RÉMOND, René. Do Político. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.



culturais. Logo, não se pode reduzir o comportamento político a motivações meramente políticas e racionais. Muitas vezes os indivíduos fazem escolhas políticas que não lhes são determinadas pelo seu status socioprofissional, muitas vezes toma partido que divergem de seus interesses materiais.

O historiador:

[...] deve admitir que os homens são movidos por outras circunstâncias que não as racionais ou utilitárias. Nada impõe tanto essa certeza quanto o fenômeno da guerra, que continua a ser o mais irredutível a toda explicação lógica, por sua profunda irracionalidade: em termos puramente racionais, nada pode justificar que o indivíduo consinta em perder a vida. Forçoso é reconhecer que há mais coisas em política que nos sistemas de explicação<sup>4</sup>.

Conforme Berstein<sup>5</sup> abordagens empíricas dos fenômenos políticos mostram que os comportamentos de atores políticos como os cidadãos explicam-se mais claramente em função de um complexo sistema de representações por eles partilhadas. Esse sistema foi denominado como “cultura política” pelos historiadores e tem se revelado uma chave explicativa mais satisfatória dos comportamentos políticos do que noções como o cálculo, a busca por segurança, o ódio e a inveja ou os mais diversos estruturalismos.

Por conseguinte, este trabalho analisará a militância dos comunistas de Montes Claros a partir da noção de cultura política. Para tanto, serão imprescindíveis as reflexões de Ferreira<sup>6</sup> que aponta vários dos traços constitutivos da cultura política comunista. Dessa forma, além de corroborar os postulados desse autor, ilustrando-os com mais situações concretas, este trabalho visa também acrescentar e discutir novos traços constitutivos da cultura política comunista.

Segundo Motta<sup>7</sup> essa noção passou a ser apropriada pelos historiadores, sobretudo os franceses, a partir de fins dos anos 1980 e início da década seguinte. Todavia, apenas recentemente no Brasil os historiadores se deram conta das potencialidades que as culturas políticas oferecem à compreensão do passado. Ao levar em conta a dimensão cultural e a influência das paixões e receios ou a fidelidade a tradições e a crenças, as culturas políticas revelam novas dimensões explicativas dos comportamentos políticos, renovando esses estudos. Dessa maneira, acabam por indicar que determinados comportamentos políticos são influenciados por crenças, hábitos, leituras de mundo, etc., arraigados na cultura de um grupo.

---

<sup>4</sup> \_\_\_\_\_. Do Político, p. 446-447.

<sup>5</sup> BERSTEIN. **Culturas políticas e historiografia.**

<sup>6</sup> FERREIRA, Jorge. **Os prisioneiros do mito:** Cultura e imaginário políticos dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EduFF: Rio de Janeiro: MAUAD: 2002.

<sup>7</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de culturas políticas pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **Culturas Políticas na História:** Novos Estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. 232 p. ; il. (p. 13-37)



Por cultura política, segundo Berstein<sup>8</sup> os historiadores entendem um sistema de representações interdependentes que conforma a visão que seus adeptos têm da sociedade, de sua organização, do lugar que nela ocupam, dos problemas de transmissão do poder, etc. Esse sistema de representações, que não é fixo e imutável, deve ser partilhado por um grupo suficientemente expressivo da sociedade. Ultrapassando a noção de partido, sendo inclusive anterior a este, uma cultura política varia conforme a região, as épocas e tipos de civilização em que existe. Desse modo a religião, os modos de vida privada, as estruturas de sociabilidade, a organização do ensino, as regras morais, as questões militares, dentre outros aspectos, podem ou não integrá-la. Porém, um substrato filosófico, um vocabulário, ritos e símbolos específicos, uma visão comum de passado, projetos comuns de futuro e uma sociedade idealizada, incluindo aí a organização do poder, sempre integram uma cultura política.

### **Leituras de passado e projetos de futuro partilhados**

Ferreira<sup>9</sup> aponta que não bastava ao sujeito declarar-se enquanto um comunista, uma vez que esta não era somente uma posição política. Era mais do que isto, era um modo de vida. Para ser digno do nome de comunista, conforme aquele autor, o militante deveria passar por uma transformação de ordem interior, deveria abandonar os vícios inerentes à sociedade capitalista, tais como o egoísmo e as vaidades. O militante deveria apresentar superioridade moral e intelectual, deveria ser o aluno mais aplicado e o trabalhador mais dedicado, deveria ser firme, discreto e modesto além de ser um bom pai, bom esposo e bom amigo. Estes elementos compunham o "leque das virtudes" que transformariam o indivíduo em um homem novo, um homem comunista.

É razoável inferir que estes elementos remetem ao conjunto de valores e práticas políticas compartilhadas por um grupo humano e que lhes confere identidade, apontados por Motta<sup>10</sup> enquanto uma das características da cultura política. Ferreira<sup>11</sup> aponta que os comunistas se deixaram envolver por valores inerentes às sociedades tradicionais, ressignificando e dessacralizando seus mitos, a exemplo da crença num paraíso e em um redentor da humanidade. Conforme aquele autor:

A linguagem dos revolucionários modernos, embora agressiva e radicalmente laicizada escamoteava antigas tradições da mitologia escatológica e milenarista. Em suas versões, antigas ou modernas, no mito do Fim do Mundo o essencial não é o fim, o término, por meio da catástrofe, mas o começo, o início de uma era grandiosa. [...] Em linguagem secularizada, mas não menos combativa, os comunistas também pregavam que o aprofundamento das contradições do

<sup>8</sup> BERSTEIN. **Culturas políticas e historiografia.**

<sup>9</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.**

<sup>10</sup> MOTTA. **Desafios e possibilidades na apropriação de culturas políticas pela historiografia.**

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito.**



sistema capitalista e o agravamento dos sofrimentos humanos aceleravam a libertação dos povos<sup>12</sup>.

Mas também, prossegue esse autor os comunistas inventaram suas próprias tradições. O novo militante, digno de se autoproclamar e ser qualificado enquanto um comunista deveria reconhecer e manejar os termos, os jargões e as expressões correntes na linguagem partidária. O “[...] novo militante tinha que assimilar hábitos, costumes, valores e normas de conduta que, submetidos a regras e convenções, ensinavam a ele comportamentos que ofereciam sentido para o grupo<sup>13</sup>.” Percebe-se novamente neste trecho um conjunto de valores e práticas políticas compartilhadas por um grupo humano e que lhes confere identidade. Quando Motta<sup>14</sup> aponta que uma cultura política é constituída por leituras comuns do passado e projetos comuns para o futuro, resultado inclusive de tais leituras, é preciso mencionar a seguinte análise:

Sofre o nosso país, o impacto de uma estrutura arcaica, atrasada, com sua economia deformada pela dominação do imperialismo, sobretudo do norte-americano, associado a setores da burguesia nacional, e do latifúndio que, abarcando imensas áreas de terras férteis não as faz produzirem, enquanto a grande massa camponesa sem terra, vegeta na mofe e na miséria, sem ter aonde produzir. Vivemos assim, num país imensamente rico, com uma população extremamente pobre<sup>15</sup>.

O trecho supracitado faz parte de uma matéria publicada no Jornal de Montes Claros. David Dentista, Porfírio Francisco e Taurindo Paschoal, signatários desta matéria, concluem-na da seguinte maneira: “Tudo por um govêrno[sic] nacionalista e democrático; Tudo pela Reforma Agrária; Pela Limitação de remessa de lucros; Por aumento geral de salários e o décimo terceiro mês, Pelo respeito das Liberdades democráticas e sindicais [...]”.<sup>16</sup>”

Os trechos em questão deixam claro que David Dentista e Porfírio Francisco entendem que grande parte dos problemas do Brasil se deve à exploração estrangeira, por eles qualificada como “imperialista”. Apresentam como soluções ao “atraso” vivido pelo Brasil, dentre outras medidas, a formação de um governo nacionalista e a limitação das remessas de lucros ao exterior pelas multinacionais.

Posicionamento semelhante pode ser visto em um telegrama de protesto enviado por Arthur Machado ao governador mineiro no ano de 1948. Este militante junto a outros “patriotas e anti-imperialistas de Montes Claros” estava indignado pela execução do vereador William Dias “a

---

<sup>12</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito**, p. 54.

<sup>13</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito**, p. 79-80.

<sup>14</sup> MOTTA. **Desafios e possibilidades na apropriação de culturas políticas pela historiografia**.

<sup>15</sup> PASTA 0234 {*Antecedentes políticos e sociais*} abr. 1964 - fev. 1972 Documento 111. Matéria publicada em *Jornal de Montes Claros*, edição do dia seis de junho de 1962.

<sup>16</sup> PASTA 0234 {*Antecedentes políticos e sociais*} abr. 1964 - fev. 1972 Documento 111.



mando dos bandidos ingleses da Morro Velho”. A mesma bandeira que o vereador, “combatente da classe operária e do povo mineiro” havia empunhado até a morte continuaria hasteada, pois Arthur Machado e os “patriotas anti-imperialistas” de Montes Claros estavam decididos a sacrificarem suas vidas “[...] para libertar a Pátria da opressão estrangeira.”<sup>17</sup>. Durvalino Teles<sup>18</sup>, outro comunista daquela cidade norte-mineira, em novembro de 1948 enviou ao governador de Minas Gerais um telegrama onde também protestava contra a morte de William Gomes<sup>19</sup>. O telegrama enviado dizia:

“Nome Comissão Municipal pró-aumento de salários, órgão luta reivindicações trabalhadores montesclarenses [sic], protesto energicamente contra monstruosa chacina Nova Lima na qual perdeu vida heroico Líder trabalhadores mineiros William Dias Gomes. Saudações anti-imperialistas.”<sup>20</sup>.

Mais uma vez o posicionamento contrário à atuação no Brasil das grandes empresas internacionais. Emblemático também é o conteúdo dos cartazes afixados por David Dentista e Elzito Belfort em uma madrugada de fevereiro de 1956 no centro de Montes Claros. Dentre outros, constava naqueles cartazes os seguintes pontos:

- 2 – Luta pela paz, por uma política de defesa da soberania nacional e de entendimento e relações pacíficas com todos os povos.
- 3 – Luta intransigente em defesa do petróleo demais riquezas nacionais, contra a pilhagem dos monopólios norte-americanos e em defesa da indústria nacional.
- 4 – Luta pela melhoria das condições de vida das massas trabalhadoras e populares contra a carestia, pelo aumento dos salários dos operários, pela elevação dos vencimentos funcionalismo, pelas reivindicações econômicas das massas camponesas, dos estudantes, das mulheres, dos artesãos, dos pequenos e médios comerciantes e industriais<sup>21</sup>.

Perante os debates construídos pode-se apontar que os comunistas de Montes Claros, defendiam uma política econômica de viés eminentemente nacionalista. Por “nacionalista”, eles entendiam, dentre outras medidas: a limitação das remessas de lucros ao exterior pelas grandes empresas, o monopólio e a proteção estatal aos recursos ambientais (terras, minerais, petróleo,

<sup>17</sup> PASTA 0237 / {Antecedentes políticos e sociais} Documento 18.

<sup>18</sup> PASTA 0099 {Reforma agrária} jul. 1956 - nov. 1963 Documentos 36 e 37. Relatório de antecedentes político-sociais de Durvalino Teles, datado de 01 de fevereiro de 1962.

<sup>19</sup> Segundo Coelho (2006) William Dias era um líder comunista que foi eleito vereador em 1947 pela cidade de Nova Lima onde trabalhava como mineiro na Companhia Morro Velho. Foi morto por capangas daquela empresa que reprimiam a comemoração do aniversário da Revolução Russa, organizada por comunistas daquela cidade. A ação da empresa Morro Velho ligava-se também à repressão de uma greve ocorrida um mês antes e também organizada por comunistas de Nova Lima. As autoridades policiais, do Ministério do Trabalho e da imprensa responsabilizaram os próprios comunistas pela repressão de que foram vítimas e que culminou na morte de William Dias. Para maiores informações ver: COELHO, Victor de Oliveira Pinto. O ardil anticomunista – estudo de caso (1948-1949). In: **Revista História Social** nº 12, 2006, (Dossiê Revoltas Populares).

<sup>20</sup> Aspas do documento. O relatório que contém esta informação sobre Durvalino Teles foi produzido em fevereiro de 1962 e tinha como tema principal a atuação de Ligas Camponesas em Minas Gerais. Foram citados, de modo secundário, os antecedentes de alguns indivíduos apontados como envolvidos em assuntos relacionados àquelas Ligas, dentre eles Durvalino Teles.

<sup>21</sup> PASTA 4764 {Montes Claros} out. 1937 - ago. 1956 Documento 55.



águas, etc.) e a proteção ao capital e à indústria nacionais. É possível também apontar que os comunistas entendiam que os problemas nacionais, em sua maioria, advinham da exploração “imperialista”, iniciada quando ainda da colonização do Brasil e com a qual setores nacionais compactuavam por se beneficiarem economicamente. Neste sentido, os comunistas compartilhavam esta leitura comum do passado, a partir da qual formulavam projetos para o futuro. Portanto, é lícito sugerir que a defesa de uma política econômica nacionalista e a imputação de grande parte dos males brasileiros à exploração estrangeira são elementos constitutivos da cultura política comunista.

### **Sujeição, débito, fidelidade e devoção ao PCB**

A grande sujeição às ordens do PCB, a intransigência, o dogmatismo e o autoritarismo que permeavam as relações entre os militantes comunistas apontados por Ferreira<sup>22</sup> são mais alguns traços da cultura política comunista. Os militantes de Montes Claros receberam livros, materiais de propaganda e instruções da direção mineira do PCB, recebiam orientações sobre os candidatos que deveriam apoiar e sobre as ações e campanhas que deveriam executar. Segundo o comunista David Dentista:

[...] em obediência às instruções do PCB “engajaram-se os membros do Comitê Municipal, até o eclodir da Revolução de março de 1964, em diversas frentes de luta, como por exemplo: movimentos de Apoio à candidatura de JK, Movimento de apoio à candidatura do Marechal Lott, Movimentos Grevistas; Movimentos diversos para legalização do PCB, Movimento de apoio à candidatura de Simeão Ribeiro Pires à prefeitura de Montes Claros, tendo êle (sic) sendo eleito, Movimentos de Reformas de Bases, Reforma Agrária, Panfletagem e Frente de Mobilização Popular [...]”<sup>23</sup>.

Fica clara a relação vertical entre a célula montes-clarense do PCB e a direção mineira desta legenda. Esta conduta faz parte de uma noção, identificada por Ferreira<sup>24</sup>, que se entranhou na cultura dos militantes comunistas. Estes se viam como soldados, pois entendiam o Partido Comunista como um Estado-Maior que exigia disciplina férrea e obediência incondicional. Nota-se, portanto, que os comunistas de Montes Claros não tiveram uma atuação inteiramente autônoma.

Em 1958, seguindo determinações do PCB, Porfírio Francisco, que então residia em Belo Horizonte, retornou a Montes Claros. O comunista iria “[...] preparar a base eleitoral que apoiaria

---

<sup>22</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.**

<sup>23</sup> PASTA 0037{1} / {Partido Operário Comunista - investigação} Documento 33. Trecho de um depoimento prestado por David Dentista em 12 de maio de 1969 na colônia penal de Neves em decorrência de seu envolvimento pós-1964 com uma organização de esquerda. Nesta ocasião David Dentista afirmou que filiou-se ao PCB em 1954 “induzido” por Porfírio Francisco.

<sup>24</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito.**



Simeão Ribeiro à prefeitura de Montes Claros e Pedro Santos à Vice-Prefeito, José Aparecido de Oliveira a Deputado Federal e Rení Rabelo a Deputado Estadual [...].”<sup>25</sup> Em 1959 aquele comunista participou de um congresso sindical em São Paulo. Regressando a Montes Claros fundou, sob orientação do PCB, um conselho que reunia dois sindicatos. Este conselho sindical tinha por objetivo aglutinar uma base operária de apoio político às determinações do PCB.

Este comportamento de Porfírio Francisco de grande sujeição às determinações do Partido, segundo Ferreira<sup>26</sup> tem explicação e não se restringia apenas ao comunista de Montes Claros. Pelo contrário, a total dedicação ao Partido, a sujeição às determinações deste, não importando os riscos, os custos financeiros, as consequências emocionais, pessoais e familiares era comum entre os militantes comunistas. A vida destes, continua aquele autor, era totalmente absorvida pelas exigências do Partido, que atuavam como um verdadeiro massacre sobre os quadros partidários. Não importava, para os dirigentes de células, para os comitês centrais, se os militantes eram capacitados para as tarefas, não lhes importava os custos a serem arcados por estes últimos. Importava-lhes, somente, que os militantes cumprissem as tarefas que lhes eram designadas.

Contudo, em 1958 ou 1959<sup>27</sup> foi oficialmente publicada a expulsão de Porfírio Francisco do PCB através do Jornal Novos Rumos<sup>28</sup>. O comunista sempre se dedicou ao partido, recendo e cumprindo duas orientações. Todavia, seu empenho, as energias devotadas e os sacrifícios pessoais, financeiros e familiares parecem não ter sido suficientes para o PCB. O que justifica esta conduta partidária?

A resposta a esta questão, conforme Ferreira<sup>29</sup>, pode ser encontrada ainda na década de 1920. Não foram poucos os militantes que, durante aqueles anos, demonstraram dúvidas com relação ao modo como um comunista deveria se portar. As respostas vieram em fins dos anos de

---

<sup>25</sup> PASTA 0037{1} / {Partido Operário Comunista - investigação} Documento 26.

<sup>26</sup> Este autor discute os comportamentos e crenças dos comunistas obedecendo ao recorte temporal compreendido entre 1930 a 1956. Neste último ano, conforme o autor ocorrem cisões nas crenças e comportamentos comunistas que eram ditados pelo PCB que por sua vez se espelhava no modelo soviético. Tais cisões têm origem na denúncia feita por Krushev dos crimes de Stalin. A partir de então o PCB repensa muitas de suas práticas. Muito embora Ferreira estabeleça em 1956 o fim de seu recorte temporal argumenta-se aqui que muitos dos comportamentos, apontados pelo próprio autor, que informaram a conduta do PCB durante décadas subsistiram à consciência de que o modelo soviético-stalinista não era infalível.

<sup>27</sup> Em depoimento prestado na colônia penal de Neves em maio de 1969 Porfírio Francisco não se recordou ao certo o ano em que foi publicada sua expulsão do PCB.

<sup>28</sup> “Lançado no Rio de Janeiro, então a capital federal, em 28 de fevereiro de 1959, Novos Rumos foi um semanário de circulação nacional editado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), à época denominado Partido Comunista do Brasil. Junto com A Classe Operária, Voz Operária (substituído por Novos Rumos) e Imprensa Popular, também criados pelo PCB, foi um dos mais importantes jornais da esquerda brasileira. Foi extinto em 19 de abril de 1964, em consequência do golpe que iniciou a ditadura militar no Brasil.” Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/novos-rumos>. Acesso em: 04/04/2014.

<sup>29</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.**





1929 e 1930 quando ficou conhecida a “bolchevização” do PCB. Os dirigentes deste partido passaram a comparar o partido russo a outros partidos comunistas, concluindo que somente organizações moldadas à imagem soviética seriam capazes de obter êxito. Em razão disto:

Desde o início dos anos 30, portanto, os militantes brasileiros aprenderam que ser comunista era, antes de tudo, definir-se como bolchevista, ou seja, pertencer a um partido monolítico na doutrina e centralizado nas decisões; mostrar-se intolerante com dissensões internas, recorrendo às expulsões e às purgas para resolvê-las; adotar uma concepção sectária, atacando duramente outros partidos e movimentos de esquerda; defender o marxismo-leninismo como única ideologia consequentemente revolucionária, decorando alguns jargões e *slogans* importados pela IC; imaginar-se um soldado da revolução internacional em guerra contra a burguesia, as classes médias e o próprio mundo<sup>30</sup>.

Duro e implacável com os nazifascistas, prossegue esse autor, Stálin revelava-se igualmente severo e intransigente na defesa da unidade do Partido. A vigilância do líder soviético, admirada pelos militantes brasileiros, voltava-se com energia implacável contra os inimigos internos. Estes eram acusados de traírem a causa revolucionária e os crimes e conspirações a eles imputadas eram sinceramente aceitas pelos militantes do PCB. Neste sentido, a maneira enérgica, inflexível e até mesmo cruel de Stálin em lidar com os inimigos e adversários políticos tornou-se um componente da identidade comunista.

Logo, as práticas culturais que surgiram com a bolchevização do partido, aliadas à maneira stalinista de ser, rigorosa, inflexível, autoritária e até mesmo cruel, permitiram que o autoritarismo e a intolerância mediassem as relações hierárquicas entre os comunistas. Advém destas concepções a noção de infalibilidade das lideranças e dos dirigentes comunistas, cujas decisões não eram passíveis de questionamentos. Em razão destas concepções abundam episódios em que militantes sinceros e devotados sofreram as piores injustiças cometidas pelo partido, que iam da simples expulsão a justicamentos (assassinatos) macabros.<sup>31</sup>

Portanto, a exclusão de Porfírio Francisco pode ser creditada à absorção pelo PCB de influências do Partido Comunista (PC) soviético dirigido por Stálin. Um Partido Comunista essencialmente monolítico, autoritário, centralizador e que não permitia dissensões. Um militante sincero e devotado sofreu a injustiça de ser desligado do PCB devido às concepções sectárias, monolíticas e autoritárias desta instituição. Mas há que se considerar ainda que embora tenha recebido e seguido algumas determinações do PCB e que tenha até mudado de cidade por instrução deste, o comunista Porfírio Francisco não era totalmente submisso às orientações partidárias.

---

<sup>30</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito**, p.81.

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_ **Os prisioneiros do mito**.



Portanto, a expulsão deste comunista pode ser também melhor explicada devido à sua insubmissão e questionamento das determinações partidárias.

Manoel dos Santos<sup>32</sup>, outro comunista de Montes Claros, trabalhou na barbearia do senhor Ivo Barbosa no ano de 1952. Em declarações<sup>33</sup> prestadas à Delegacia de Polícia de Montes Claros (DPMC) o senhor Ivo Barbosa afirmou que passado algum tempo Manoel dos Santos lhe confessou ser comunista e passou a receber jornais em sua barbearia. Em virtude da orientação política de seu funcionário, o senhor Ivo Barbosa disse-lhe em certa ocasião: “Senhor Manoel, como barbeiro o senhor é ótimo elemento, mas não serve para trabalhar comigo, porque tem idéias comunistas”. O comunista respondeu a seu empregador que preferia deixar a barbearia a deixar o Partido.

Arthur Machado, prestando depoimento<sup>34</sup> na então Delegacia de Vigilância Social<sup>35</sup> (DVS), disse que militou pelo PCB enquanto esta legenda ainda estava na legalidade. Quando, porém, o registro eleitoral do PCB foi cassado, ele não se empenhou em tentar trazer essa legenda à legalidade. Apesar disto, conservou para si "uma simpatia ardente pelo partido". Como, entender as atitudes de Manoel dos Santos e de Arthur Machado com relação ao Partido?

A resposta para esta questão atravessa o sentimento, identificado por Ferreira<sup>36</sup>, do militante comunista de débito para com o Partido. Esta instituição, cuja inicial deve sempre ser grafada com letra maiúscula, é responsável por revelar a verdade ao comunista e o modo como o presente e o futuro se desenrolarão. O sentimento de dívida para com o Partido advém da consciência política, dos conhecimentos teóricos, das experiências de luta, das instruções para revolucionar o mundo e destruir privilégios milenares que são fornecidas por aquela instituição ao militante. Todavia, por mais que se dedicasse, obedecesse e se esforçasse pela causa revolucionária o militante estaria sempre em débito para com o Partido. Em qualquer situação ele era sempre um devedor. Caso acertasse, os méritos caberiam ao Partido, caso errasse, só a ele cabia a responsabilidade pela falha.

---

<sup>32</sup> PASTA 0234 {Antecedentes políticos e sociais} abr. 1964 - fev. 1972 Documentos 110 a 112. Documento datado de 29 de maio de 1964. As informações a seguir relativas a Manoel dos Santos foram retiradas deste relatório.

<sup>33</sup> O relatório abordado não informa qual foi a ocasião, como e o que motivou o senhor Ivo Barbosa a ser chamado a prestar declarações em 14 de junho de 1955 na DPMC.

<sup>34</sup> PASTA 3853 {Inquérito Policial} maio 1964 - ago. 1969 Documentos 21 e 22. Documento datado de 01 de julho de 1964. As informações a seguir foram retiradas destes documentos.

<sup>35</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Comunismo e anticomunismo sob o olhar da polícia política. In: **Locus, revista de História**. v. 16, nº 1 (2010). Segundo esse autor no início de 1964 Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais, extinguiu o antigo DOPS devido às reminiscências ditatoriais desta instituição e às pressões de setores democratas e progressistas. Como substituta foi criada a Delegacia de Vigilância Social (DVS) que, segundo o texto enviado à Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), manteria parte das atribuições de sua antecessora, mas se preocuparia com a valorização humana e o fortalecimento da democracia. Contudo, logo após o golpe de 1964 os policiais ligados àquela instituição conseguem reaver a antiga sigla do DOPS, fato que para eles representou uma grande vitória.

<sup>36</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito**.



## Os trabalhadores são revolucionários por natureza

Os comunistas de Montes Claros, sobretudo Porfírio Francisco e David Dentista e especialmente após o golpe de 1964, afirmaram diversas vezes que iriam conquistar os camponeses, sublevar as massas, dirigir os trabalhadores, e organizar os estudantes. Todas estas ações seriam feitas sob a égide do comunismo, o que seria acatado pelos trabalhadores, estudantes e camponeses, acreditavam os comunistas. Em uma fazenda na zona rural do município norte-mineiro de Francisco Sá aqueles dois militantes, ao lado de outros companheiros, “concitavam os presentes a se unirem em tórno [sic] da bandeira comunista.”<sup>37</sup>.

Para os comunistas, o proletariado surgia como um sujeito histórico que desencadearia a revolução. Duvidar desta afirmação dentro do partido significava grave falta ideológica e, por qualquer razão, aquele que demonstrasse o mais superficial questionamento sobre o caráter transformador da classe operária deveria rever sua própria identidade de revolucionário. Não poderia haver divagações. Como um dogma, a revolução era inevitável e os proletários, dirigidos por seu partido, estariam à frente dela, cumprindo, assim, a missão histórica que lhes foi reservada<sup>38</sup>.

Portanto, a convicção comunista no proletariado enquanto um sujeito histórico homogêneo, consciente, com identidade definida e, acima de tudo, naturalmente revolucionário, constitui uma faceta da cultura política comunista. Este aspecto, magistralmente identificado por Ferreira<sup>39</sup>, confere inteligibilidade à militância comunista, executada tantas vezes a despeito de tudo e contra tantas adversidades.

Não há dúvida de que Porfírio Francisco e David Dentista estavam imbuídos da convicção de que trabalhadores urbanos e rurais e estudantes tinham uma identidade natural de interesses, se sentiam enquanto um grupo coeso e portador dos mesmos anseios. Convictos de que esses agentes históricos eram naturalmente revolucionários, aqueles dois comunistas se incumbiram da tarefa de sublevá-los. Perante a apatia daqueles atores sociais Porfírio Francisco e David Dentista se encarregavam de lhes revelar a verdade, de lhes mostrar o cenário de opressão e miséria em que viviam, despertando naqueles grupos o espírito revolucionário que neles acreditava estar latente. Logo, é possível que a auto incumbência de “conscientizar” e “mobilizar” os trabalhadores rumo à revolução seja mais um traço constituinte da cultura política comunista.

---

<sup>37</sup> Processo n° 000.005 de 29/12/1961. Endereço topográfico: 03/50/311. Departamento de Pesquisa e Documentação Regional (DPDOR-Unimontes). As informações relativas à militância em uma fazenda da zona rural do município de Francisco Sá foram retiradas deste documento.

<sup>38</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito**, p.27.

<sup>39</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito**.



Em um episódio de militância rural, David Dentista, Porfírio Francisco além de Cirilo e José Gomes, se esforçaram por incutir nos colonos de uma fazenda do município de Francisco Sá o desejo pela sindicalização. Em visita àquela propriedade rural, segundo depoimento de um dos colonos, os comunistas versaram sobre a reforma agrária e defenderam a necessidade de organização sindical dos camponeses, pois estes “[...] viviam mal-tratados pelos patrões [...].” Outro daqueles colonos ficou incumbido de receber as contribuições sindicais. Inicialmente relutou, mas cedeu após alguma pressão. Colocou, porém, a condição de que só receberia as contribuições daqueles que o procurassem voluntariamente. Todavia, esse mesmo colono se retirou daquela reunião antes de seu término porque iria assistir a uma “reza” na casa de outro lavrador. Esta declaração leva a crer que ele priorizava a instância religiosa e não a instância política como campo para a resolução de suas mazelas e busca por melhores condições de vida.

Os comunistas chegaram, inclusive, a levar os trabalhadores daquela propriedade rural a um comício em Montes Claros. Neste, segundo o depoimento de outro dos colonos daquela fazenda, vários homens discursaram. Um deles chegou a falar sobre outros países onde as condições de vida das pessoas eram melhores, afirmando que no Brasil seria preciso que os colonos tomassem as terras de seus patrões, se preciso com espingardas.

Talvez atraídos pelas promessas de efetivação da reforma agrária alguns colonos daquela fazenda aderiram à proposta de criação de um sindicato gerido pelos comunistas de Montes Claros. Contudo, abandonaram-na tão logo o dono daquela propriedade conversou com alguns colonos informando-lhes sobre a natureza comunista dessa proposta. Possivelmente, as implicações policiais também assustaram os colonos que, além disso, certamente ficaram receosos em serem expulsos das terras onde viviam pelo dono da fazenda.

Não obstante estas adversidades, não obstante a apatia dos camponeses e de outros agentes históricos populares, os comunistas de Montes Claros não esmoreciam. A militância de Porfírio Francisco e David Dentista é prova irrefutável de que ambos acreditavam no caráter naturalmente revolucionário dos trabalhadores, dos camponeses e dos estudantes. Essa crença, segundo Ferreira<sup>40</sup> enraizou-se no imaginário político comunista, tornando-se algo visível, quase palpável.

Porfírio Francisco pregou a reforma agrária também em outras cidades do Norte de Minas convicto de que suas palavras não encontrariam ouvidos surdos, convicto de que despertaria o revolucionário adormecido em cada camponês. Para tanto, não mediu esforços financeiros, pessoais e familiares. Contudo, a adesão massiva não vinha. Mas, Porfírio Francisco não

---

<sup>40</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.**



desanimava. Ferreira<sup>41</sup> entende essa crença fervorosa no caráter revolucionário dos trabalhadores como algo curioso e surpreendente. Este autor, ao analisar as mais diversas situações históricas percebe que raras foram aquelas onde a classe trabalhadora atuou no sentido de uma ruptura radical com o capitalismo. Como exemplo:

Nos Estados Unidos, entre fins do século XIX e início do século XX, as lutas sindicais foram radicalizadas e extremamente violentas, mas sem questionar a ordem capitalista. Em diversos países europeus, mesmo nos momentos de graves conflitos sociais, os trabalhadores, apesar das condições políticas favoráveis, abdicaram ao poder, preferindo o pacto ao rompimento. A Alemanha, no início dos anos 20, foi o caso mais exemplar. Após a II Guerra Mundial, as revoluções vitoriosas ficaram a cargo de estratos sociais oriundos do campo, a exemplo da China e do Vietnã, contrariando frontalmente as crenças dos comunistas. Nos países africanos e latino-americanos que experimentaram revoluções socialistas, como Angola, Moçambique, Nicarágua e Cuba, é contraproducente falar em proletariado, enquanto no leste europeu os regimes comunistas surgiram no rastro dos movimentos antifascistas e instaurados, de fato, pelo Exército Vermelho. Embora os trabalhadores, em diversas situações, tenham se mostrado profundamente irados com a ordem política e social que viveram, cujo exemplo mais emblemático foi a Rússia de outubro de 1917, é difícil, historicamente, sustentar a idéia do caráter revolucionário do proletariado. No entanto, tal concepção sedimentou-se na cultura e no imaginário político de milhões de militantes comunistas durante décadas<sup>42</sup>.

No entanto, Porfírio Francisco e os demais comunistas de Montes Claros não se atentavam para estes aspectos uma vez que já tinham bem interiorizada a cultura política comunista. Segundo Bernstein<sup>43</sup> esse processo de interiorização é empreendido pelo indivíduo durante sua formação intelectual, suas experiências de vida e é arraigado pelo hábito de analisar os mais diversos fatos à luz da grade de leitura oferecida por sua cultura política. Advém daí a força e a permanência de uma cultura política na vida de um indivíduo, pois se inicialmente ela é resultado de múltiplas experiências, de aprendizagem e formação intelectual, uma vez adquirida passa a retirar sua vitalidade da interiorização. Dessa maneira, o indivíduo julga novas situações com base em experiências anteriores, pois tem uma grade de leitura, oferecida por sua cultura política, bem consolidada dentro de si. É a cultura política quem leva o indivíduo a se identificar quase instintivamente com um grupo, a compreender seu discurso, a partilhar de seus valores e esperanças, a adotar sua ótica de análise e a aderir às múltiplas organizações que difundem sua mensagem.

Logo, Porfírio Francisco organizou e participou de sindicatos em Montes Claros e Belo Horizonte com o objetivo de levar a palavra comunista aos trabalhadores, para despertar nestes o

---

<sup>41</sup> \_\_\_\_\_ . **Os prisioneiros do mito.**

<sup>42</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.** p. 28-29.

<sup>43</sup> BERSTEIN. **Culturas políticas e historiografia.**



espírito revolucionário que traziam guardado dentro de si. Aquele militante e David Dentista participaram do Partido Operário Camponês<sup>44</sup> (POC), cujo programa visava “[...] o contrôlo [sic] do movimento estudantil e dos sindicatos, para futuramente saírem para a conquista do Camponês, quando então estariam em condições de fazerem a Revolução Socialista.”<sup>45</sup> Ao postularem que controlariam sindicatos, estudantes e camponeses, certamente aqueles comunistas partiam do princípio de que estes grupos eram ou estariam receptivos às propostas comunistas. Partiam também do pressuposto de que naquele momento, fins da década de 1960, a sociedade como um todo estava insatisfeita e queria o fim do regime instaurado em 1964.

Essa obstinação comunista advinha também, conforme aponta Ferreira<sup>46</sup>, da crença na inevitabilidade da revolução no Brasil. Os comunistas estavam imbuídos da convicção de que não só o Brasil, mas o próprio mundo estava numa jornada irreversível em direção ao comunismo. A verdade já fora revelada por Engels e Marx através do texto fundador, *O Capital*. Os comunistas sabiam, portanto, que com o natural desenvolvimento do capitalismo, com as contradições insolúveis inerentes a esse sistema, a revolução socialista era questão de tempo. Logo, permaneciam inexoráveis, nada os fazia amainar, nada os desanimava, pois a crença, traço constitutivo da cultura política comunista, realmente era forte.

### **O culto a Prestes e a solidariedade entre os comunistas**

Outro elemento empiricamente observado na militância dos comunistas de Montes Claros é o culto à personalidade de Prestes. Na madrugada do dia três de janeiro de 1951, junto a outros comunistas, Durvalino Teles estourou bombas em Montes Claros. Quando detido “confessou” que estava comemorando o aniversário de Luiz Carlos Prestes. Além disso, os arquivos do *DOPS-MG* conservam fartos exemplos de poesias e elogios em homenagem àquela liderança política, publicados por militantes de diversas regiões do estado mineiro em jornais da imprensa comunista.

Segundo Ferreira<sup>47</sup> a comemoração de aniversários e datas marcantes era uma norma entre os militantes comunistas. A cada ano na data do aniversário de Prestes, por exemplo, os jornais comunistas eram tomados por textos que exaltavam a figura daquele líder. As manchetes das matérias ilustram a exaltação à figura de Prestes, uma vez que o apresentam, dentre outros, como

---

<sup>44</sup> Organização na qual ingressaram em torno de 1968, formada principalmente por estudantes universitários de Belo Horizonte.

<sup>45</sup> PASTA 0037{1} / {Partido Operário Comunista - investigação} Documento 29.

<sup>46</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.**

<sup>47</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito.**



um “cavaleiro da esperança”, “líder do proletariado” e “herói do povo brasileiro”. Este culto à personalidade de Luiz Carlos Prestes é mais um traço constitutivo da cultura política comunista.

Comportamentos também demonstrados pelos comunistas de Montes Claros foram a solidariedade para com outros companheiros detidos. Em agosto de 1956, por exemplo, alguns comunistas de Montes Claros enviaram uma carta<sup>48</sup> ao Congresso Nacional onde protestavam contra a prisão do militante Elzito Belfor. Este militante, no episódio em que afixava cartazes de madrugada no centro de Montes Claros, se esforçou por proteger David Dentista de consequências policiais. Em dezembro de 1961 Matias Marceneiro, outro comunista de Montes Claros, impetrou um *habeas corpus* solicitando a imediata soltura de dois de seus companheiros que foram detidos por coletarem assinaturas para requererem a legalização do PCB. Ademais, interrogados antes e após o golpe de 1964 os comunistas de Montes Claros se esforçaram por eximir e/ou não delatar seus companheiros. No entanto, estas tentativas frequentemente esbarravam nas pressões feitas sobre os depoentes e, especialmente, na utilização da tortura física, comum no período pós-golpe de 1964.

### **Considerações finais**

Os comunistas, não importava a dificuldade das situações vividas, recorriam à crença, por eles laicizada, de que estavam empenhados numa luta do Bem contra o Mal, de onde inevitavelmente sairiam vitoriosos, implantando então uma sociedade justa e fraterna<sup>49</sup>. Mas, quando analisada de retrospecto salta aos olhos a precariedade dos de que dispunham os comunistas de Montes Claros. Eram homens casados, chefes de família, oriundos das camadas populares, mas tinham também que ser comunistas. Tinham que viajar, tinham que participar de congressos, tinham que panfletar, visitar zonas rurais, recolher assinaturas, frequentar reuniões sindicais. Enfim, tinham que se dedicar a uma militância extenuante ao mesmo tempo em que tinham que ser trabalhadores e chefes de famílias.

Porém, segundo Ferreira<sup>50</sup> os militantes não se deixavam abater pelas situações mais adversas, tristes e angustiantes, pelo contrário, encaravam-nas com desprezo. Mesmo as conjunturas mais desfavoráveis, a exemplo da ascensão do fascismo ou da repressão política mais feroz, eram entendidas como transitórias e como uma demonstração do desespero inimigo.

---

<sup>48</sup> PASTA 0237 / {Antecedentes políticos e sociais} abr. 1957 – març. 1967 Documento 22. Relatório de antecedentes de Arthur Machado, datado de 26 de maio de 1964.

<sup>49</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito.**

<sup>50</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito.**



Portanto, os comunistas aceitavam as privações, angústias, dores físicas e morais com otimismo, pois já haviam decifrado a História e sabiam que revolução redentora não tardaria.

Os comunistas de Montes Claros, sobretudo Porfírio Francisco e David Dentista, militavam, seguiam as ordens do PCB, saíam em busca dos estudantes, trabalhadores e camponeses. No entanto, esses agentes históricos permaneciam apáticos e a revolução não vinha. Mas, crenças nos dogmas da fé comunista, aqueles militantes não se perguntavam se os trabalhadores realmente eram revolucionários, se realmente apreciavam o comunismo, se o aceitariam. Aliás, sequer se perguntavam se os trabalhadores realmente sabiam o que era o comunismo. Esta questão é de fundamental importância tendo em vista que o Brasil cultivava, segundo Motta<sup>51</sup>, um sentimento anticomunista desde os primórdios da Revolução Russa. Este sentimento foi potencializado desde então pela imprensa, pela Intenção Comunista e pela Indústria do Anticomunismo<sup>52</sup>. O comunismo era socialmente tão mal visto que a pecha de comunista tinha por objetivo desvalorizar a imagem de um indivíduo, privá-lo de promoções profissionais, torná-lo alvo de investigações e perseguições policiais, etc<sup>53</sup>. Todavia, como lembra Ferreira<sup>54</sup> cogitar a hipótese de que os trabalhadores não eram naturalmente revolucionários constituía um atentado à fé comunista, uma verdadeira heresia.

Portanto, talvez somente o entendimento que os militantes interiorizaram a cultura política comunista seja suficiente para conferir inteligibilidade aos comportamentos políticos que demonstraram. Somente a crença na inevitabilidade da revolução capitaneada pelo proletário, traço constitutivo da cultura política comunista, explica a militância desenvolvida contra tantas adversidades. Somente o conhecimento do processo de “bolchevização” do PCB, indicada por Ferreira<sup>55</sup>, torna compreensíveis comportamentos como o dogmatismo, a intransigência, o autoritarismo, o culto à personalidade de Prestes, a grande sujeição às ordens do PCB e o sentimento de débito para com essa legenda. Somente o conhecimento de que os comunistas entendiam o proletariado como um agente revolucionário por natureza explica tanta insistência em sublevar estes atores históricos e mostrar-lhes a “verdade”. Somente o conhecimento e entendimento das leituras de passado e projetos de futuro que os comunistas partilhavam torna inteligível a militância que desenvolveram. Portanto, somente a identificação de todos estes traços

---

<sup>51</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O Perigo é Vermelho e vem de Fora**: O Brasil e a URSS. Locus: Revista de História. Juiz de Fora, v. 13 n. 2. jul. – dez. 2007.

<sup>52</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A “Indústria” do Anticomunismo**. Anos 90. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre. Nº 15. 2001/2002.

<sup>53</sup> \_\_\_\_\_. **O Perigo é Vermelho e vem de Fora**.

<sup>54</sup> FERREIRA. **Os prisioneiros do mito**.

<sup>55</sup> \_\_\_\_\_. **Os prisioneiros do mito**.





como constituintes da cultura política comunista torna compreensível o seu comportamento político.